



montagem fotográfica a partir de paralítico de *Recordações da Casa Amarela* de João César Monteiro e fotografia de José Chaves Cruz, [19-], PT/AMLSB/CRU/000617

O ciclo TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS pretende levar a descobrir os modos pelos quais o cinema não só retrata mas reinventa Lisboa.

A cada ano, um tema irá provocar o visionamento comentado de quatro ou cinco filmes, com a participação de alguém que estuda o tema em questão, e o realizador do filme mostrado ou outro convidado que possa falar sobre ele.

4.^{as} FEIRAS - MAIO 2016 - 18H30

NO ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA - VIDEOTECA LARGO DO CALVÁRIO N.º 2

TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS

2.º ciclo de visionamento comentado

ARQUITETURA II

Depois de num primeiro ano o ciclo TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS ter descrito um percurso tanto temporal como espacial pela cidade de Lisboa, fazendo uma história do traçado da cidade tal como tem sido imaginado pelo cinema, nesta segunda edição faremos antes uma viagem pelo seu interior: como é que os espaços interiores foram captados pelo cinema e que papel têm eles nos filmes que os integram?

A proposta de base mantém-se: descobrir os modos pelos quais o cinema imagina (e com isso recria) a cidade. Mas desta vez as personagens não percorrem ruas nem fachadas, antes encerram-se em pequenos compartimentos, confinam-se a um quarto, a uma sala, a um teatro, e daí imaginam Lisboa, a cidade que está, assim, sempre do lado de fora, sempre em modo de memória, de projeção ou de expectativa. Os interiores aparecem nestes filmes como espaços com um desenho muito próprio que age sobre os destinos dos seus habitantes, pressionando-os, incentivando-os e finalmente catapultando-os para uma inevitável fatalidade.

O percurso deste ciclo não segue apenas, de modo mais literal, os espaços interiores. Segue também os espaços exteriores que, nestes filmes, não são mais do que uma projeção, sendo vistos, imaginados e concebidos sempre a partir de dentro. Das duas maneiras, o que este ciclo propõe, é a construção de uma leitura sobre a forma como estes espaços foram concebidos nos filmes, no sentido de reter sobre eles a imagem de uma arquitetura, que acaba por ser sempre, e acima de tudo, uma arquitetura emocional.

Uma co-programação Arquivo Municipal de Lisboa - Videoteca / Arquiteturas Film Festival (Alexandra Areia e Inês Monteiro)

TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS

4.^{as} FEIRAS - MAIO 2016 - 18H30

LARGO DO CALVÁRIO N.º 2



arquivomunicipal de lisboa
videoteca



4 de maio, 18h30

Doc's Kingdom, Robert Kramer, (1987) 92'

comentado por:

José Manuel Costa (diretor da Cinemateca Portuguesa)

Ana Vaz Milheiro (arquiteta, investigadora)

Nuno Lisboa (programador de cinema, investigador)

Exilado dos EUA, *Doc* deixa-se ficar por Lisboa. Os dias arrastam-se entre a taberna onde cada dia começa e acaba, o hospital onde trabalha e um barracão no porto, a sua casa (que o faz lembrar Nova Jersey). Mas o que é afinal a casa, *home*, para um homem para quem a vida é um permanente estado de errância e fuga? O que é uma casa quando a sala de estar, sem teto, são dois bancos de avião pousados num terreno baldio?

em simultâneo, nos postos individuais de visionamento

O Estado das Coisas, Wim Wenders (1984), 116'

O Fantasma, João Pedro Rodrigues (2000), 90'

Tarde Demais, José Nascimento (1999), 92'



11 de maio, 18h30

Ninguém Duas Vezes, Jorge Silva Melo (1985), 107'

comentado por:

Jorge Silva Melo (cineasta, encenador)

Francisco Frazão (programador de teatro, investigador)

Susana Ventura (arquiteta, investigadora)

Disse João Bénard da Costa que este é o "filme de quando todos – e tudo – foram embora". Lisboa aparece aqui, de fato, como espaço dos sobreviventes e dos errantes, imagem final de um puzzle feito de espaços fechados - a casa, a igreja, o teatro (e o palco), o carro –, espaços simultaneamente demasiado grandes e demasiado pequenos (apertados) para as personagens.

em simultâneo nos postos individuais de visionamento

Um Adeus Português, João Botelho (1985), 85'

O Cerco, António da Cunha Telles (1970), 120'

Mal, Alberto Seixas Santos (1999), 82'



18 de maio, 18h30

Recordações da Casa Amarela, João César Monteiro (1989), 120'

comentado por:

Joaquim Pinto (cineasta, engenheiro de som)

João Nicolau (cineasta)

Luís Ferro (arquiteto)

A cidade vista a partir do umbigo de João César Monteiro, primeiro filme da trilogia de Deus. Lisboa aparece do cruzamento entre o nobre e o miserável, os seus bairros mais populares são invadidos pela mais alta cultura, sempre vista de dentro, interior que no final, quando João de Deus é fechado no Hospital Miguel Bombarda e se encontra com antigas personagens (fantasmas?), é literal.

em simultâneo nos postos individuais de visionamento

Jaime, António Reis (1974), 35'

Fragmentos de um filme esmola: A Sagrada Família, João César Monteiro (1972), 72'

Quem espera por sapatos de defunto morre descalço, João César Monteiro (1970), 33'



25 de maio, 18h30

A Divina Comédia, Manoel de Oliveira (1992), 140'

comentado por:

José Neves (arquiteto)

Regina Guimarães (cineasta, poeta)

O filme aparece neste ciclo como uma espécie de comentário a todos os filmes anteriores. Não só é o mais radical na contenção espacial (não se sai, em nenhum momento, da casa de alienados por onde vagueiam as personagens), como clarifica, pelo seu rigor e radicalismo, todos os movimentos para que os filmes anteriores apontam: Lisboa e Portugal aparecem, no fim, como não-lugares, justamente casas de desterrados e esquecidos.

em simultâneo nos postos individuais de visionamento

O meu caso, Manoel de Oliveira (1986), 88'

Benilde ou a Virgem Mãe, Manoel de Oliveira (1975), 106'

O Nosso Caso | livro III - Jonas, Regina Guimarães e Saguenaíl (2002), 56'

